

Museu não é sinônimo de imagem morta, reverenciada figura para visitas solenes. Idéias e pés na terra na (re)construção das histórias da cidade

PLANALTINA, UM PALCO ABERTO

Inaugurado em 22 de abril de 1974, o Museu Histórico e Artístico de Planaltina, MHAP, teve sempre suas atividades interrompidas, não conseguindo apresentar nunca um trabalho contínuo, que o transformasse em parte representativa da comunidade local. Mesmo depois de tombado, em 19 de agosto de 1982, esta situação não se modificou, refletindo o que acontece com a maioria dos tombamentos nacionais: abandono por parte das autoridades responsáveis, como se a condição de "patrimônio tombado" representasse uma estabilidade eterna, dispensando quaisquer outros cuidados e atenções.

Esta situação perdurou até 28 de agosto deste ano, quando, após uma reunião, um grupo de pessoas resolveu reativar o Museu, que até então permanecera expondo apenas o seu acervo e abrindo diariamente a loja de artesanato, que é independente e de iniciativa da Sociedade de Artesãos de Planaltina.

Depois desta primeira reunião, um sanguine novo começou a percorrer as centenárias veias do Museu, que passou a se comunicar com o mundo à sua volta, numa troca de energia permanente e dinâmica. O MHAP agora está longe de ser uma entidade estática, um depósito apenas de peças antigas, sem nenhum atrativo que o integre à comunidade. A iniciativa de retomar todas as suas possibilidades enquanto espaço de cultura, foi do artista plástico e designer chileno Alex Chacon, Assessor da Administração Regional daquela cidade-satélite, envolvido com as manifestações artísticas candombeiras à mais de 20 anos.

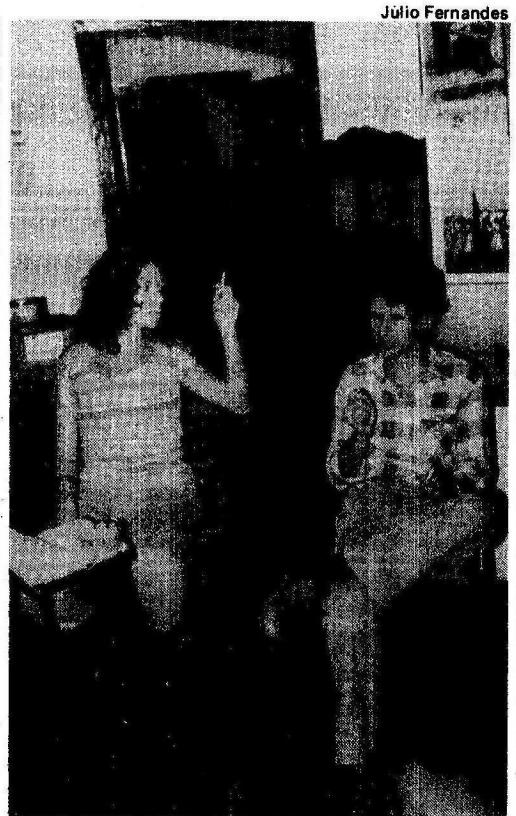
— Queremos que o MHAP tenha uma função agregadora muito grande, diz ele. Nada de centralizar atividades e apresentar o Museu como uma fonte de soluções. É preciso repensar esta entidade que para muitos ainda está totalmente ligada ao passado. Memória se constrói diariamente e, é assim que queremos guardar Planaltina.

Ao lado de Alex, a historiadora Ana Cristina Campos, carioca há cinco meses em Brasília, lotada na Administração Regional de Planaltina através da Fundação Educacional fala com entusiasmo de todo o programa já em andamento no Museu: "queremos abranger toda a comunidade e revelar tudo que a cidade contém. As atividades de rua, de bares, festas e personagens típicos".

A idéia da equipe, que tem à frente Alex e Ana, é transformar o Museu numa "fábrica de cultura, da história". A princípio o desenvolvimento do projeto maior do grupo — a documentação histórica da cidade, necessita do essencial, que é a verba. Na falta de financiamento, fica impossível providenciar fitas, fotos, tapes e outras formas de registrar Planaltina, bem como a contratação de mão-de-obra técnica. Mas esta deficiência não atrapalha o trabalho das quase 40 pessoas que se



Júlio Fernandes



Júlio Fernandes

manalmente se reúnem para discutir novas idéias. Aliás, todas, sem esperar providências ou planejamentos oficiais, resolveram assumir esta nova etapa do MHAP e afirmam que a falta de dinheiro não impede que continuem suas atividades.

Com a força de vontade da equipe, o Museu conta hoje com um bar, inaugurado no dia 30 de setembro, coordenado por Lucimar Malaquias e aberto de quarta a sexta, a partir das 16 horas, e aos sábados e domingos, depois das 9 horas. Funcionando no pátio da entidade, o barzinho oferece atrações musicais, como forró, repentes, catiras e outras manifestações populares todos os fins de semana. Além de bebidas e refrigerantes em geral, os frequentadores do local encontram salgadinhos feitos por pessoas da comunidade. Em pouco tempo, também as docerias de Planaltina estarão vendendo seus produtos por lá.

Este é o espírito do trabalho: utilizar os recursos existentes para fazer o que se pretende. Segundo o mesmo princípio, foi montada a Oficina de Viver numa sala ao lado da Biblioteca "Prof". Gabriela

Guimarães". Coordenada por Ilda, Nina e Lucinha, três habitantes de Planaltina, a "escolinha", como é conhecida a atividade, agrupa várias crianças de 6 a 13 anos de idade, que além da leitura desenvolvem trabalhos de criatividade em artes plásticas. No pátio, ao lado do bar, a Oficina de Brinquedos dá continuidade ao programa da equipe, reunindo homens e mulheres do PAS (Programa de Assistência Social) e outros interessados.

Como as demais atividades do MHAP, a Oficina de Brinquedos visa criar uma mão-de-obra que mais tarde se desenvolva independente do Museu. Bem aparelhada de instrumentos e saberes, como lembra Alex, ela pretende desenvolver a criatividade através de elementos lúdicos. Assim, além da instrumentação profissional, irá capacitar os seus frequentadores a implantarem suas próprias oficinas e buscar canais de comercialização independentes da entidade. Um enorme painel de ferramentas, uma mesa e outros aparelhos compõem a sala de trabalho, ocupada atualmente por oito pessoas.

Uma outra atividade a ser implantada é a serigrafia, que além de garantir novos

ofícios aos interessados, como deverá acontecer com a oficina de brinquedos, sustentará as exigências culturais do próprio Museu, no que diz respeito às impressões de cartazes e outros elementos de divulgação e apresentação do programa do MHAP.

Mesmo atuando quase sem nenhuma verba, a equipe encontra voluntários que através de seu trabalho ajudam na implantação da nova mentalidade de Museu. Chico Cruz é um deles. Vindo de Taguatinga, todos os sábados, ele se dispõe a coordenar um curso de teatro de bonecos a todos os interessados pela atividade em Planaltina.

Além destas atividades e do acervo de peças antigas e objetos do artesanato local, o MHAP abriga o cineclube, coordenado por Moisés e Ana Maria. A idéia é apresentar sessões itinerantes por toda a cidade, percorrendo ruas, praças e vilas. Ele já existe há um mês, mostrando filmes culturais cedidos por embaixadas e variados órgãos. Outro elemento que leva o Museu a diferentes lugares é o boletim, ainda sem periodicidade certa, feito pela equipe.

Júlio Fernandes



A idéia é fazer do Museu Histórico e Artístico de Planaltina uma "fábrica de cultura e História". A falta de verba não diminui o ânimo

«Memória é um trabalho de construção diária, é assim que queremos guardar Planaltina», sintetizam Alex Chacon e Ana Cristina

Alex lembra ainda que embora cada atividade tenha um ou mais responsáveis, a equipe vem trabalhando unida e as funções vão se definindo à medida que o tempo passa e que o programa ganha corpo. Além dos coordenadores do bar, cineclube, oficinas e bibliotecas, outras pessoas como o autor/ator de teatro Donizeti Pitalugr têm colaborado com os trabalhos do Museu, bem como demais elementos ligados a grupos musicais e teatrais da cidade.

Integrar as duas partes

Planaltina, com seus 124 anos de existência, conta hoje com cerca de 50 mil habitantes que se distribuem pelas partes nova e velha da área urbana. A primeira é composta pelas vilas Buritis e Vicentina que, em contraste com as centenárias ruas, casas e demais edificações do outro lado da cidade, comporta a maior parcela da população local. Entre estas duas partes, existe muita discordia. Enquanto um lado quer preservar a memória planaltinense através de atos e fatos tradicionais, o outro tem o mesmo objetivo, visando porém adequar a cidade à realidade.

— É preciso integrar estas duas partes, para que todos participem do crescimento de Planaltina, lembra Lúcia Maria Roncy, uma das encarregadas da Oficina de Viver, em substituição a Lúcia Oliveira Viana.

Alex complementa lembrando que o MHAP pode, assim, servir como um meio de integração e até de encontrar a identidade de Planaltina. "Esta cidade não é mais a mesma de 20 anos atrás e também não é igual a qualquer outro centro. Ela tem vida própria com todas as peculiaridades de um lugar histórico situado ao lado de uma cidade do século 20, década de 60, como é Brasília. Por isso, está na hora de encarar o Museu como um ponto de informação, de elaboração de novas idéias, pois em termos clássicos ele não corresponde às necessidades urbanas da atualidade".

Dentro desta idéia, Alex reforça o princípio de não se transformar o Museu num "Centro" cultural. "Ele deve ser aberto, espiralado, indo a todos os lugares e tendo a participação de toda a comunidade. Só assim será possível construir a memória local, numa convivência dinâmica entre todas as partes de Planaltina".